

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PARA A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO “LOBO MAU” NA OBRA *A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS*, DE JON SCIESZKA

*Osilene Xavier do Nascimento**

*Bárbara Olímpia Ramos de Melo***

RESUMO: Ao nos utilizarmos da linguagem para estabelecer interação, temos a pretensão de alcançar determinados objetivos comunicativos e, para obter dos interlocutores, reações alinhadas com esses objetivos, nos utilizamos de argumentos que buscam convencer o outro em relação à tomada de um posicionamento, de um ponto de vista. Considerando tais perspectivas, o presente estudo inquieta-se por verificar quais as estratégias argumentativas utilizadas para convencer o leitor a desconstruir o estereótipo do “lobo mau” na obra *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka, que dá voz à própria personagem do Lobo, para abordar outro posicionamento em relação à história original do clássico da literatura infantil *Os três porquinhos*, dos irmãos Grimm. O nosso aporte teórico tem como referências Koch e Elias (2016), Amossy (2016), Cavalcante (2016), dentre outros. Quanto aos procedimentos metodológicos, selecionamos trechos da obra, objeto de nosso estudo, e analisamos as construções que marcam as estratégias argumentativas utilizadas na desconstrução do estereótipo do lobo como um ser que pratica maldades. Através das análises foi possível perceber que a personagem se utiliza de sequências argumentativas, seleções lexicais e recategorizações de referentes como mecanismo para legitimar seus argumentos e convencer o leitor de sua inocência.

PALAVRAS-CHAVE: A verdadeira história dos três porquinhos; Desconstrução de estereótipo; Estratégias argumentativas; Os três porquinhos.

* Mestranda do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

** Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

Introdução

É por meio de textos que estabelecemos interações com o outro, e nossas produções textuais são constituídas de argumentos que embasam posicionamentos e pontos de vista. Koch e Elias (2016) defendem que argumentar é inerente a todo gênero, e com o texto literário não ocorre de forma diferente. Sendo ele dotado de objetivos, também é organizado através de estratégias argumentativas que conduzem o leitor a trilhar um caminho, e há, nessas estratégias, um jogo de negociações entre produtor e leitor.

Na ótica de Koch e Elias (2016) as nossas interações por meio da linguagem são carregadas de pretensões. Assim, o uso que fazemos de qualquer forma de linguagem é orientado por nossas intenções comunicativas. Considerando, pois, que a linguagem é orientada por intenções que são refletidas nos textos, a relevância deste estudo consiste em demonstrar que a produção textual da obra *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka (1993), é desenvolvida por meio de estratégias argumentativas que expressam as intenções pretendidas pelo narrador-personagem.

Considerando essa perspectiva, o nosso objetivo neste trabalho é investigar quais as estratégias argumentativas utilizadas na obra de Scieszka (1993), em que o Lobo, narrador-personagem, constrói sua narrativa objetivando convencer o leitor de sua inocência, uma vez que na obra original *Os três porquinhos*, dos irmãos Grimm, o Lobo é apresentado pelo estereótipo de “lobo mau”, e, na releitura de Scieszka (1993), há o intuito de desconstruir tal estereótipo.

A fim de cumprir os objetivos aqui propostos, selecionamos e analisamos trechos da obra que marcam as estratégias argumentativas utilizadas pelo Lobo para desconstruir seu estereótipo de mau e reconstruir uma nova imagem de si.

Para embasar nossas análises, organizamos o presente artigo em cinco momentos. No primeiro, apresentamos alguns aspectos que circundam a obra original *Os três porquinhos*, dos irmãos Grimm e a releitura de Scieszka (1993), *A verdadeira história dos três porquinhos*. No segundo, discorremos sobre os embasamentos teóricos acerca das noções de produzir textos e argumentar. No terceiro, discutimos sobre as estratégias utilizadas nas construções

argumentativas. No quarto, realizamos as análises, aplicando as noções teóricas sobre produção textual e argumentação na obra em questão. E, no quinto, apresentamos as considerações às quais chegamos a partir dos resultados obtidos através das análises.

No tópico seguinte realizamos um breve resumo acerca do que se passa na obra original dos irmãos Grimm e na releitura de Jon Scieszka.

A obra original e a releitura de Scieszka

Diversos contos da literatura infantil trazem a figura do lobo através do estereótipo de mau, traiçoeiro, assustador, dentre outros que o caracterizam como “o lobo mau”. Na obra original dos irmãos Grimm, não acontece diferente, a personagem do lobo também é apresentada através de argumentos que o caracterizam como um ser que pratica maldades, e, por conseguinte, é mau.

Na obra de Grimm têm-se a presença de quatro personagens, ou seja, os três porquinhos (Prático, Heitor e Cícero) e o Lobo Mau, que tinha o desejo de devorar os três porquinhos, e, para isso, soprou suas casas a fim de derrubá-las e alcançar seu objetivo.

Já na releitura de Scieszka (1993), apresenta-se um lobo descaracterizado da figura de mau. A imagem da personagem é construída de forma contrária à da história original e o próprio Lobo, narrador da história, vai se apresentando e construindo a narrativa através de argumentos que descontroem o estereótipo de mau.

Em *A verdadeira história dos três porquinhos* é dada a palavra ao Lobo, que agora contará outra versão dos fatos, tendo como “verdade” não mais a narrativa dos três porquinhos, mas sim o ponto de vista do Lobo, que constrói toda uma argumentação a fim de atribuir aos três porquinhos na figura de mau.

Em suma, a história se desenvolve em torno da narrativa de que o Lobo estava resfriado e espirrando bastante, e, ao fazer um bolo de aniversário para a sua avó, se deu conta de que estava faltando açúcar, o que o levou a pedir ajuda aos vizinhos, que eram porquinhos, mas estes não quiseram lhe ajudar e como ele estava espirrando, por conta do resfriado, acabou derrubando a casa dos porquinhos, sem que tivesse essa intenção.

A obra de Scieszka (1993) dá ao Lobo a oportunidade de explicar outra versão dos acontecimentos, proporcionando ao leitor uma nova forma de ver a história e de poder decidir em quem acreditar, tendo, agora, dois pontos de vista em relação ao desenrolar dos acontecimentos narrados.

Passemos, então, para os aspectos que dizem respeito à relevância do argumentar diante dos textos que produzimos, a fim de conduzir o leitor a percorrer os caminhos pelos quais desejamos que ele percorra.

Produção textual e argumentação

Toda produção textual é feita para atender a propósitos comunicativos, e os elementos constituintes do texto colaboram diretamente para o alcance desses objetivos. Assim, ao estarmos diante de uma construção textual, nos depararemos com diversos recursos, como as estratégias argumentativas, que orientam o leitor para um propósito comunicativo predeterminado.

Na obra que utilizamos como *corpus* do presente estudo, o Lobo organiza seus argumentos de modo a orientar o leitor para que este seja convencido da veracidade de seu ponto de vista, alcançando, assim, o propósito de desconstruir o estereótipo de “lobo mau” ao qual lhe foi atribuído na obra original dos três porquinhos.

Segundo Koch e Elias (2016), ao interagirmos por meio de textos, orais ou escritos, nos utilizamos de argumentos e temos competências linguísticas e argumentativas que nos levam a lançar mãos desse recurso na produção de nossos textos.

Linguagem é interação e seu uso revela relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamento que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 13)

Ao utilizarmos a linguagem para estabelecer interação com o outro, possuímos intencionalidades que nos levam a organizar nossos enunciados de acordo com as reações às quais pretendemos provocar em nosso interlocutor. Os sentidos dos textos são construídos

a partir da existência de diversos elementos que colaboram para que se estabeleça um entendimento entre produtor, leitor texto.

Esse entendimento considera aspectos como organização textual, contexto de produção, seleção argumentativa, dentre outros recursos que vão orientar a construção de sentido diante daquilo que produzimos. As escolhas que são feitas em uma produção textual são regidas pelos objetivos que pretendemos alcançar e essas escolhas propõem um caminho pelo qual se deseja que o leitor percorra.

De acordo com Koch e Elias (2016, p. 24),

Charaudeau (2008) nos ensina que argumentar é a atividade discursiva de influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos, a constituição desses argumentos demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista.

Nessa perspectiva, o locutor considera o seu interlocutor na organização e apresentação de seus argumentos, a fim de convencê-lo de que determinado ponto de vista é legítimo, alcançando, assim, a adesão do interlocutor em relação ao que lhe é exposto. Ainda nesse viés, sabe-se que, a depender dos argumentos utilizados, o sujeito ao qual se pretende convencer poderá ser favorável ou não aos argumentos apresentados.

E é exatamente dessa forma que os argumentos em *A verdadeira história dos três porquinhos* vão sendo construídos, considerando o leitor para a seleção das estratégias argumentativas utilizadas, haja vista que a argumentação

o resultado de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, *de um ponto de vista racional*, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 13)

Assim, para a legitimação dos argumentos apresentados pelo Lobo, são levadas em consideração as experiências do leitor, atentando para os conhecimentos cotextuais e con-

textuais aos quais se presume que ele tenha. Poderemos observar tais aspectos, mais claramente, nas análises. Vejamos, a seguir, algumas das estratégias que são utilizadas nas construções argumentativas.

Estratégias para o argumentar

As estratégias argumentativas são mecanismos essenciais para a construção dos argumentos. Discorremos nesse tópico acerca de algumas estratégias que orientam nossas análises, tratando inicialmente da forma pela qual o locutor se apresenta e recategoriza os referentes, posteriormente tratamos da utilização das sequências textuais, e, por fim, das escolhas lexicais.

A autoapresentação do locutor e a recategorização de referentes

A forma pela qual o locutor se insere em um enunciado também reflete uma forma de argumentar, pois a maneira que ele articula a sua autoapresentação está diretamente ligada aos seus objetivos enquanto o ser que procura convencer o outro de determinado ponto de vista, sendo que a forma pela qual ele se coloca no enunciado pode ou não trazer confiabilidade ao interlocutor.

Quanto a isso, Amossy (2016, p. 19) pontua que

Nos trabalhos de Ducrot (1984/1986, p. 204-205) e, sobretudo, de Maingueneau (1996a, p. 137-154), considera-se o que o orador dá a ver de sua própria pessoa não apenas por aquilo que ele diz de si mesmo, mas também e essencialmente por sua forma de se expressar.

Nesse viés, o modo pelo qual o locutor vai se construindo em seu discurso permite que o interlocutor construa juntamente a ele, uma imagem. No conto de Scieszka (1993), a personagem do lobo se apresenta de forma que suas palavras levam o leitor a ir desconstruindo o estereótipo do lobo como um ser que pratica maldades.

Para que haja a desconstrução de um estereótipo e reconstrução de um novo, são necessárias estratégias que orientam o sujeito a quem se quer convencer para este caminho.

E uma das estratégias utilizadas pelo Lobo é se apoiar em estereótipos que são mais valorizados na sociedade, passando a imagem de que ele é apenas um ser mal compreendido em suas ações.

Outra estratégia utilizada é a própria recategorização que o Lobo faz de si mesmo enquanto referente. Segundo Koch e Elias (2016, p. 89), “o referente se constrói no nosso dizer, no modo como constituímos esse dizer, de acordo com o nosso objetivo, a nossa intenção, os nossos leitores/ouvintes, a situação em que nos encontramos envolvidos”.

Vale ressaltar que nos apoiamos na definição de Matos (2005, p. 98) de que

a recategorização, enquanto estratégia textual interativa, realiza-se por meio de marcas formais, materializadas regularmente nos textos. Por outro lado, coexistem marcas interacionais subjacentes a essa estratégia, porque a recategorização sempre acontece impulsionada por uma intencionalidade do interlocutor, a qual determina o desenvolvimento argumentativo do texto.

Diante disso, o modo pelo qual o Lobo, enquanto narrador, realiza a sua própria recategorização, também auxiliar como uma forma de argumentar em favor da reconstrução de sua imagem perante aos leitores.

Ainda nessa perspectiva, temos que as demais recategorizações que estão presentes na narrativa colaboram como forma de legitimar os argumentos utilizados pela personagem do Lobo, assim, ele vai recategorizando não apenas a si próprio, mas também aos demais personagens presentes na obra, objetivando uma desconstrução e reconstrução de imagens.

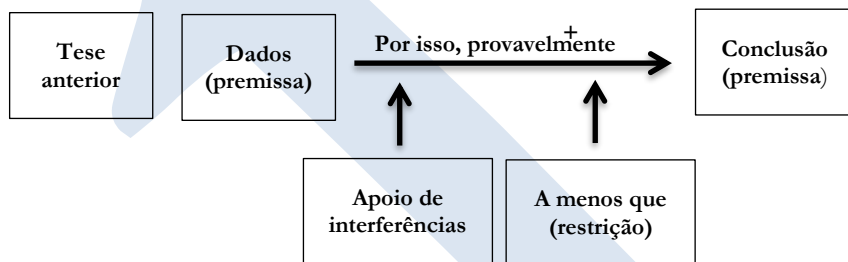
As sequências textuais argumentativas

A estrutura composicional dos textos também pode ser organizada de acordo com o viés argumentativo ao qual se deseja alcançar. Essa estrutura composicional, segundo Cavalcante (2016, p. 110), “compreende a organização das macroproposições em agrupamentos característicos denominados sequências textuais prototípicas”. E Adam (2011, p. 204) define sequências textuais como sendo

uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem; uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto).

Nesse sentido, as seqüências textuais argumentativas dizem respeito à organização de um raciocínio que é passível de compressão a partir da consideração do todo textual em que a seqüência está inserida. Nesse caso, tem-se uma ideia inicial e em cima dessa ideia são selecionados argumentos e contra-argumentos para direcionar o interlocutor à determinada conclusão.

Esquema 1 - Sequências textuais argumentativas



Fonte: Adam (2008, p. 233).

Podemos perceber, no esquema 1, que as seqüências textuais argumentativas possibilitam a compreensão de que, ao passo que determinado posicionamento pode ser firmado por argumentos específicos a fim de se chegar a uma conclusão, esse mesmo posicionamento também pode ser contradito com a seleção de outros argumentos contrários a ele.

Nesse embate de argumentos e contra-argumentos, o locutor terá que organizar suas seqüências argumentativas de modo que convença o interlocutor de que a ideia principal defendida é a que deve ser aceita.

Escolhas lexicais

Uma seleção lexical adequada é fundamental para a formulação de uma boa argumentação, os vocábulos que compõem o léxico de um texto devem estar de acordo com os objetivos do locutor e deve-se considerar o interlocutor ao qual irá se direcionar.

De acordo com Koch e Elias (2016, p. 33), “uma seleção lexical adequada à situação comunicativa, ao conhecimento de mundo que pressupomos do nosso destinatário constitui um fator essencial de incremento ao poder persuasivo de nossos textos”.

Cada situação comunicativa exige escolhas lexicais diferenciadas, a fim de alcançar os propósitos de uso da linguagem pretendidos no momento de uma produção textual. Os vocábulos que utilizamos no processo de comunicação podem atrair ou afastar o sujeito ao qual estamos nos direcionando.

Argumentar é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 34).

E, nessa organização de ideias, também está inserida a seleção lexical, pois para organizar ideias e construir bons argumentos também é necessária uma adequada seleção vocabular que será utilizada para facilitar a adesão do leitor/ouvinte em relação ao posicionamento que está sendo defendido.

Para Koch e Elias (2016, p. 33), “devemos sempre nos lembrar na hora de produzir um texto: uma boa seleção lexical é indispensável para tornar o texto mais atraente, mais produtivo, mais apto a produzir os efeitos desejados”. E, em contrapartida, uma escolha lexical inadequada pode enfraquecer o teor argumentativo de uma produção textual.

A verdadeira história dos três porquinhos: uma análise das estratégias argumentativas

A obra *A verdadeira história dos três porquinhos* trata-se de uma releitura do clássico da literatura infantil *Os três porquinhos*, dos irmãos Grimm, e foi produzida por Joh Scieszka.

Nessa narrativa é dada a oportunidade para que o Lobo conte sua versão dos fatos e busque convencer o leitor de sua inocência.

Analisaremos, agora, quais as estratégias argumentativas que ele utiliza para desconstruir o estereótipo de mau que lhe foi atribuído na versão primeira dos três porquinhos.

A começar, já percebemos, no título da obra, “*A verdadeira história dos três porquinhos*”, a inserção do vocábulo “*verdadeira*”, que implica dizer que essa história possui argumentos que a caracterizam como sendo a verdadeira, enquanto que a história original, na versão dos três porquinhos, a falsa.

Vejamos, no quadro abaixo, um dos argumentos utilizados pelo Lobo em relação à veracidade de sua história.

Quadro 1 – Presença de sequência textual argumentativa na fala do Lobo.

Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou, pelo menos, acham que conhecem. Mas eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o meu lado da história.

Fonte: Scieszka (1993, p. 2).

Como podemos observar, no quadro 1, para argumentar acerca da veracidade de sua narrativa, o Lobo parte de uma sequência textual argumentativa de que o leitor já conhece a história dos três porquinhos, mas contra-argumenta que ele apenas acha que conhece, uma vez que não havia escutado o outro lado da história, segundo ele, o lado “verdadeiro”. O uso dessa sequência provoca o leitor a retomar a história original para posteriormente avaliar os contra-argumentos. Tal estratégia se alinha à perspectiva da análise textual argumentativa de Adam (2008).

Podemos observar, no quadro a seguir, a autoapresentação que o lobo faz de si, a fim de conseguir convencer o leitor de sua inocência.

Quadro 2 – Recategorização do lobo mau.

Eu sou o lobo Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex. Eu não sei como começou esse papo de Lobo Mau, mas está completamente errado.

Fonte: Scieszka (1993, p. 3).

Estrategicamente, como uma forma de argumentar a seu favor e desconstruir o estereótipo de “lobo mau”, o narrador se apresenta de forma recategorizada, não mais sendo chamado de mau, mas agora com um nome próprio “Lobo Alexandre” e até mesmo por uma forma mais íntima de tratamento, abreviando o nome para “Alex”, o que gera uma proximidade entre o narrador-personagem e o leitor. Aqui, a recategorização mencionada por Koch e Elias (2016) também aparece como uma estratégia argumentativa.

O quadro seguinte traz mais uma estratégia utilizada pelo Lobo, a fim de se colocar como vítima perante a situação: argumento e contra-argumento.

Quadro 3 – Argumentação e contra-argumentação.

Talvez seja por causa da nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é mau.

Fonte: Scieszka (1993, p. 4).

Podemos perceber, no quadro 3, mais um jogo de argumento e contra-argumento. Essa seqüência argumentativa permite que o leitor reflita sobre as duas colocações e aceite o argumento mais convincente, tendo em vista que, se por um lado os lobos são maus por conta de se alimentarem de seres “bonitinhos”, por outro lado, se os *cheeseburgers* também fossem socialmente considerados como “bonitinhos” e fizessem parte de nossa alimentação, todos nós também seríamos maus. Há, portanto, uma organização argumentativa para se chegar a um fim específico.

O quadro adiante mostra a recategorização sendo utilizada como forma de demonstrar o apreço do Lobo em relação à sua vó.

Quadro 4 – Recategorização da personagem da vovozinha.

No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para a minha querida e amada vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito. Fiquei sem açúcar.

Fonte: Scieszka (1993, p. 7).

No quadro 4, pudemos ver outro movimento interessante, o deslocamento de relações através da recategorização. Nesse caso, os adjetivos usados para recategorizar a personagem da vovozinha colaboram para a desconstrução do estereótipo do “lobo mau”. Em outros contos que perpetuam esse estereótipo, a vovozinha é tradicionalmente a *caça*, e agora é recategorizada como *querida* e *amada*. As escolhas lexicais adequadas também colaboram para marcar a argumentação presente no discurso do Lobo.

Mencionamos anteriormente, no quadro 4, que a personagem da vovozinha é recategorizada para demonstrar o apreço do Lobo por ela, já no quadro 5, mostrado abaixo, a recategorização do Porco busca desmerecer o mesmo, destituindo o Lobo da culpa pelo desmoronamento de sua casa, pois, neste caso, a culpa seria do próprio Porco, por ter construído sua casa com palhas.

Quadro 5 – Recategorização do Porco.

Então resolvi pedir uma xícara de açúcar para o meu vizinho. Agora, esse vizinho era um porco. E não era muito inteligente também. Ele tinha construído a sua casa toda de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem cabeça no lugar não constrói uma casa de palha. É claro que assim que bati a porta caiu. (...) foi quando meu nariz começou a coçar. Senti o espirro vindo, então inflei e bufei. E soltei um grande espirro. (...) aquela maldita casa de palha desmoronou. E bem no meio do monte de palha estava o Primeiro Porquinho – moínho da silva. Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi.

Fonte: Scieszka (1993, p. 9).

Dessa vez o porco é recategorizado como “*não muito inteligente*”, isso traz uma culpabilidade ao porco pelo ocorrido, inocentando o Lobo. A sequência argumentativa, produzida com o auxílio da ironia, leva o leitor a questionar se realmente seria “maldade” comer o porco, uma vez que “já estava morto” e não se pode “desperdiçar alimentos”. A

organização dos argumentos, diante do todo textual, orienta o leitor o tempo inteiro para que ele chegue à conclusão de que o Lobo não é mau.

Veremos neste último quadro a estratégia argumentativa utilizada pelo Lobo para inverter os papéis de vítima e vilão.

Quadro 6 – Estratégia para a inversão de papéis e valores

Bati na casa de ijolos. Ninguém responden. Eu chamei: “Senhor Porco, o senhor está?” E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu? “Cai fora daqui, Lobo. Não me amole mais”. E venham me acusar de grosseria! Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar. E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Que porco! Eu já estava quase indo embora para fazer um lindo cartão de aniversário em vez de um bolo, quando senti um espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E espirrei de novo. Então o Terceiro Porquinho gritou: “E a sua velha vovozinha pode ir às favas”. Sabe, sou um cara geralmente bem calmo. Mas, quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça. Quando a polícia chegou, é evidente que eu estava tentando arrebentar a porta daquele porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirrando e fazendo uma barulheira. O resto, como dizem, é história. Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história como todo aquele negócio de “bufar, assoprar e derrubar sua casa”. E fizeram de mim um Lobo Mau. É isso aí. Esta é a verdadeira história. Fui vítima de armação.

Fonte: Scieszka (1993, p. 22-28).

Em um primeiro momento, a forma cordial utilizada pelo Lobo para se referir ao Porco, “*Senhor Porco, o senhor está?*”, busca direcionar o leitor a acreditar na cordialidade e educação do personagem, já no segundo momento, quando se trata da forma pela qual o “leitãozinho”, tido como “atrevido”, se direciona grosseiramente ao Lobo, traz mais uma vez a inversão de papéis e valores. Nessa versão, argumenta-se que o Lobo é bom (cordial e educado) e o Porco é mau (atrevido e grosseiro). E, presumindo um conhecimento prévio do leitor, de que a mídia costuma publicar os fatos de forma a deixá-los mais chamativos, as pessoas acabaram por incrementar a história e incriminá-lo “caluniosamente”, portanto, o Lobo torna-se “inocente” e “vítima de uma armação”.

Nesse jogo de argumentação e contra-argumentação o estereótipo do “lobo mau” vai sendo desconstruído por meio das estratégias argumentativas utilizadas pelo narrador-

personagem, que lança mão de diversos recursos linguísticos para construir a sua argumentação, a fim de provar sua inocência, conforme demonstrado nas análises apresentadas.

Considerações finais

Através das análises aqui expostas, pudemos observar a importância das estratégias argumentativas utilizadas na defesa de um posicionamento. Verificamos, pois, que o Lobo se utilizou de diversos recursos argumentativos que apontavam para o alcance de seu objetivo, no caso, provar a sua inocência, se desfazendo do estereótipo de “lobo mau” imposto a ele na história original *Os três porquinhos*.

Constatamos, então, que para a desconstrução do estereótipo de “lobo mau” o Lobo Alex, narrador-personagem, lançou mão de estratégias argumentativas como a recategorização de referentes, sequências textuais e escolhas lexicais adequadas, elementos que foram cruciais para a produção de uma narrativa que induzisse o leitor a acreditar na veracidade de suas palavras e na legitimidade de seus argumentos.

ARGUMENTATIVE STRATEGIES FOR THE DECONSTRUCTION OF THE “BAD WOLF” STEREOTYPE IN THE TEXT *THE TRUE STORY OF THE THREE LITTLE PIGS* BY JON SCIESZKA

ABSTRACT: By using language to establish interaction, we intend to achieve certain communicative objectives and, to obtain from the interlocutors, reactions aligned with these objectives, we use arguments that seek to convince the other about taking a position, from a point of view. Considering these perspectives, the present study is concerned to verify which argumentative strategies are used to convince the reader to deconstruct the “bad wolf” stereotype in Jon Scieszka's *The True Story of the Three Little Pigs*, which gives voice to the Wolf character, to address another position in relation to the original story of the classic children's literature *The Three Little Pigs*, by the Grimm brothers. Our theoretical support has as references Koch and Elias (2016), Amossy (2016), Cavalcante (2016), among others. As for the methodological procedures, we selected excerpts of the work, object of our study, and analyzed the constructions that mark the argumentative strategies used in the deconstruction of the wolf stereotype as a being that practices evil. Through the analysis it was possible to realize that the character uses argumentative sequences, lexical selections and recategorizations of referents as a mechanism to legitimize his arguments and convince the reader of his innocence.

KEYWORDS: The true story of the three little pigs; Stereotype deconstruction; Argumentative strategies; The three Little Pigs.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. A interação argumentativa no discurso literário: da literatura das ideias ao relato de ficção. *Linha D'Água (online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 5-41, 2016.
- ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2.Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CAVALCANTE, M. M. Abordagem da argumentação nos estudos de linguística textual. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e Argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, I. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SCIESZKA, J. *A verdadeira História dos Três Porquinhos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

Recebido em: 29/08/2019.

Aprovado em: 22/10/2019.